

Dossiê Temático

Entrevista com Hilda Salagridas Medina: O Desafio Cubano: Continuar se Abrindo ao Mundo e Manter um Sistema Midiático de Responsabilidade Social

Por Carlos Figueiredo

Pesquisador de Pós-Doutorado no PPGCOM da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Sociologia, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Brasil

Contato: carlospfs@gmail.com

O campo comunicativo em Cuba é muito pouco conhecido no Brasil seja em seus aspectos profissionais, de ensino ou pesquisa. As únicas informações que chegam sobre o campo da comunicação em Cuba, até mesmo para os pesquisadores, têm origem nos meios de comunicação de massa. Por isso, entrevistamos Hilda Salagridas Medina Professora e Pesquisadora de Comunicação da Universidade de Havana, em Cuba. Pesquisadora de meios de comunicação e opinião pública desde 1988 e professora desde 1999. Seu trabalho acadêmico é reconhecido dentro e fora de Cuba, tendo a professora Salagridas publicado mais de 30 artigos em revistas cubanas e de outras nacionalidades. Ministrou aulas como convidada em cursos de pós-graduação em universidades do México e da República Dominicana.

Atualmente, Hilda Salagridas é chefe da disciplina Teoria e Investigação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social e presidenta do Comitê Acadêmico do Mestrado em Comunicação da Universidade de Havana. Na entrevista, a pesquisadora esclarece pontos sobre o sistema de mídia em Cuba, a organização da carreira de comunicador social, e os novos desafios do campo comunicacional naquele país.

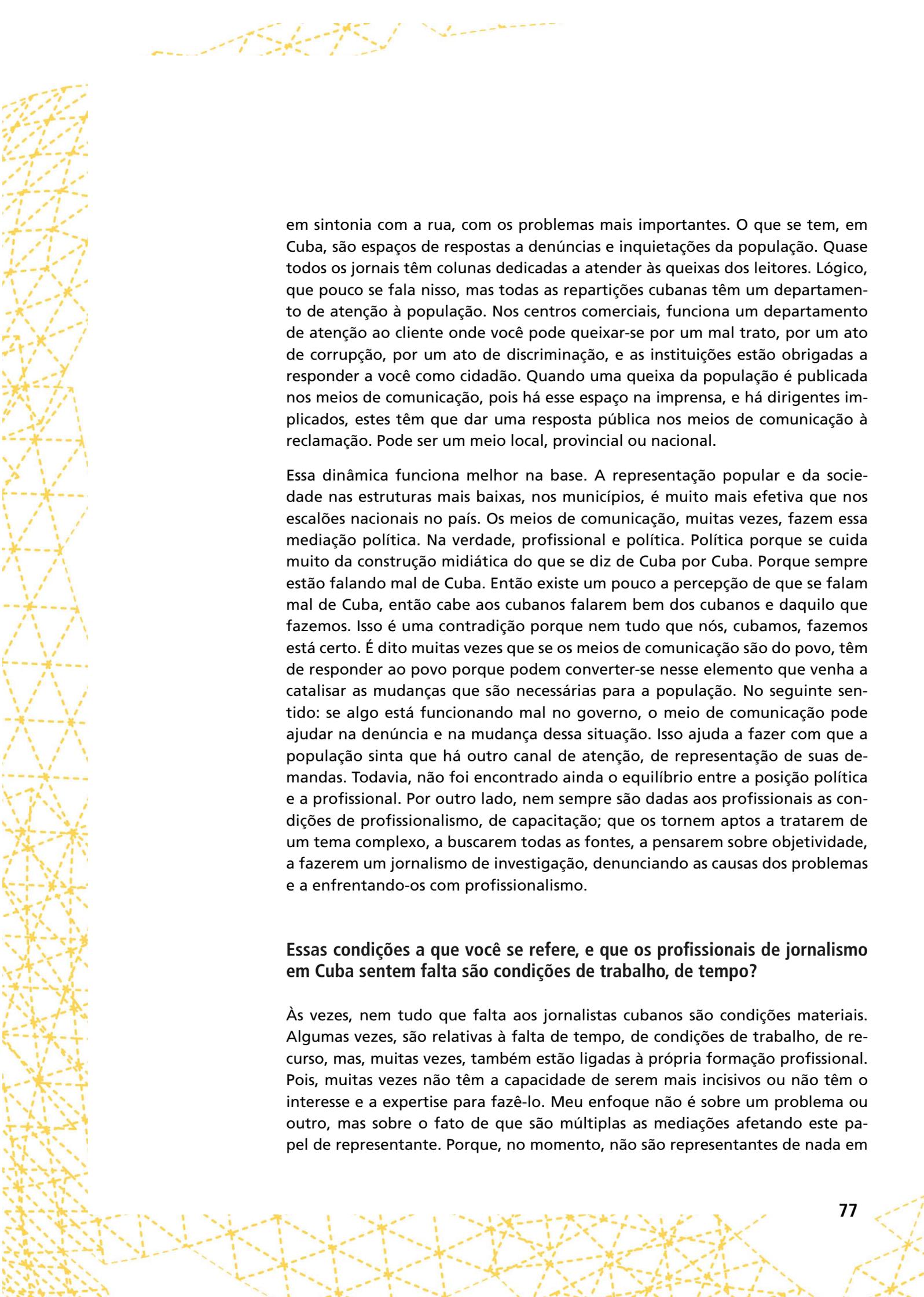
No Brasil, temos um sistema de comunicação majoritariamente privado, muito concentrado na mão de poucas empresas. Como funciona o sistema de comunicação cubano e é mantido?

O sistema de comunicação cubano, em sentido geral, é formado por instituições midiáticas e outras que apoiam a produção midiática. São instituições de um sistema totalmente estatal. O que significa dizer estatal? Significa que em Cuba há um governo popular, e que o Estado representa o povo. Portanto, pelo fato de o Estado ser do povo, essas estruturas midiáticas têm um financiamento puramente estatal. De um tempo para cá, o Estado cubano também vem se preocupando com impostos que estão sendo cobrados a empresas e, sobretudo, indivíduos que tem uma receita econômica determinada. Principalmente, receitas de trabalho por conta própria. Esses indivíduos recebem por suas atividades profissionais realizadas de forma individual, principalmente oficiosas. Essas pessoas pagam um imposto, e daí se nutre financeiramente os meios de comunicação cubanos. Leia-se, a distribuição e produção de periódicos e de programação radiofônica e televisiva. O Estado também subvenciona, nesse momento, o sistema de conexão à internet.

Uma questão muito colocada quando se discute o sistema de comunicação em Cuba é a discussão sobre a censura. Os meios de comunicação brasileiros consideram Cuba uma ditadura onde a liberdade de expressão não existe, e os jornalistas não podem produzir matérias e reportagens críticas sobre o governo. O que a senhora pensa disso?

Há um tema que sempre vai atravessar qualquer discussão sobre os comunicadores em Cuba: "Se somos a favor ou contra o governo cubano?", "Se somos ou não parte de um sistema ditatorial?", "Se somos ou não parte de um sistema com o qual somos complacentes ou se o aceitamos?". Essa é uma questão que atravessa toda discussão do campo comunicativo e de qualquer campo em Cuba porque é parte de um preconceito que existe contra Cuba por seu sistema socioeconômico, político e cultural que é completamente diferente do resto do mundo. Portanto, todos os meios cubanos são estatais, a produção é estatal. O salário que ganham os trabalhadores de comunicação, de acordo com as categorias laborais, é pago pelo Estado cubano. Criticam-nos por termos um sistema diferente, e se somos um sistema estatal, portanto, a liberdade não existiria, e o que se diz nos meios de comunicação seria o que o partido e o governo querem. A pergunta seria "Quem é o Estado?", "A quem representa o partido?". O partido representaria, para alguns, uma elite no poder que supostamente é autoritária e ditatorial, mas não é assim.

Isso é uma coisa, e outra coisa são os meios de comunicação que muitas vezes não refletem as agendas da opinião pública cubana. Nem sempre são capazes de sentir os verdadeiros problemas, sobretudo o jornalismo. Nem sempre estão



em sintonia com a rua, com os problemas mais importantes. O que se tem, em Cuba, são espaços de respostas a denúncias e inquietações da população. Quase todos os jornais têm colunas dedicadas a atender às queixas dos leitores. Lógico, que pouco se fala nisso, mas todas as repartições cubanas têm um departamento de atenção à população. Nos centros comerciais, funciona um departamento de atenção ao cliente onde você pode queixar-se por um mal trato, por um ato de corrupção, por um ato de discriminação, e as instituições estão obrigadas a responder a você como cidadão. Quando uma queixa da população é publicada nos meios de comunicação, pois há esse espaço na imprensa, e há dirigentes implicados, estes têm que dar uma resposta pública nos meios de comunicação à reclamação. Pode ser um meio local, provincial ou nacional.

Essa dinâmica funciona melhor na base. A representação popular e da sociedade nas estruturas mais baixas, nos municípios, é muito mais efetiva que nos escalões nacionais no país. Os meios de comunicação, muitas vezes, fazem essa mediação política. Na verdade, profissional e política. Política porque se cuida muito da construção midiática do que se diz de Cuba por Cuba. Porque sempre estão falando mal de Cuba. Então existe um pouco a percepção de que se falam mal de Cuba, então cabe aos cubanos falarem bem dos cubanos e daquilo que fazemos. Isso é uma contradição porque nem tudo que nós, cubanos, fazemos está certo. É dito muitas vezes que se os meios de comunicação são do povo, têm de responder ao povo porque podem converter-se nesse elemento que venha a catalisar as mudanças que são necessárias para a população. No seguinte sentido: se algo está funcionando mal no governo, o meio de comunicação pode ajudar na denúncia e na mudança dessa situação. Isso ajuda a fazer com que a população sinta que há outro canal de atenção, de representação de suas demandas. Todavia, não foi encontrado ainda o equilíbrio entre a posição política e a profissional. Por outro lado, nem sempre são dadas aos profissionais as condições de profissionalismo, de capacitação; que os tornem aptos a tratarem de um tema complexo, a buscarem todas as fontes, a pensarem sobre objetividade, a fazerem um jornalismo de investigação, denunciando as causas dos problemas e a enfrentando-os com profissionalismo.

Essas condições a que você se refere, e que os profissionais de jornalismo em Cuba sentem falta são condições de trabalho, de tempo?

Às vezes, nem tudo que falta aos jornalistas cubanos são condições materiais. Algumas vezes, são relativas à falta de tempo, de condições de trabalho, de recurso, mas, muitas vezes, também estão ligadas à própria formação profissional. Pois, muitas vezes não têm a capacidade de serem mais incisivos ou não têm o interesse e a expertise para fazê-lo. Meu enfoque não é sobre um problema ou outro, mas sobre o fato de que são múltiplas as mediações afetando este papel de representante. Porque, no momento, não são representantes de nada em



particular. Se você me perguntar sobre o que penso do jornalismo em Cuba. Eu respondo que considero que seja melhor assim do que se um indivíduo privado, um dono de jornal, dite o que tenha que ser publicado. Todavia o que tem que ser dito claramente é que se os meios de comunicação são do povo porque representam o Estado, eles têm que ser mais plurais, mais abertos, mais críticos, mais próximos às necessidades da população. Porque hoje não é assim. Além disso, estamos submetidos constantemente a fortes campanhas contra a democracia porque essas campanhas buscam aplicar a democracia liberal que é a implantada globalmente em todo o mundo. Essa não é nossa referência. Entretanto, muitas vezes, os próprios cubanos não nos comparam com outra democracia que não seja a norte-americana.

A pergunta seria “Essa democracia liberal seria a melhor democracia?” ou “Esse é o melhor sistema democrático do mundo?”, “É onde os meios de comunicação são os mais puros, os mais verídicos, os mais verdadeiros?”. Então há aí um jogo que é muito delicado por isso que esse tema para nós, cubanos, não é tão simples. Porque é preciso educar muitas pessoas. É preciso educar em Cuba, principalmente os setores estatais para quando cometerem um erro, e um jornalista for entrevistá-los, esse profissional não dar com a cara na porta. Não se pode fechar as portas para os jornalistas porque o dever do empregado estatal como empresário é dar respostas, pois, a empresa tampouco é dele, é do Estado. Se a empresa é do Estado, e ele está cometendo um erro, está contaminando a comunidade. Se está cometendo um desfalque, e ele diz ao jornalista que não vai atendê-lo, ele está cometendo um erro. Ele tem que atender ao jornalista, porque sua responsabilidade é dar as respostas ao povo, e o jornalista é um representante do povo. Agora, o jornalista não pode ir fazer uma entrevista de qualquer jeito, tem que ir com uma apuração prévia, com um argumento, com uma denúncia bem formulada, com perguntas bem formuladas, até para dar seguimento ao trabalho.

Têm que existir direções dentro dos meios de comunicação que deem respaldo ao trabalho do jornalista. Essa dinâmica hoje em Cuba está mais ágil porque os jornalistas estão cada vez mais organizados em grêmios. Nós, na academia, estamos buscando formar um profissional o mais preparado possível, o mais competente possível e mais comprometido com seu país e sua realidade. Portanto, o governo e o partido que são quem pagam os jornalistas precisam dar força e respaldar o trabalho dos meios de comunicação porque eles não trabalham para outra pessoa que não seja o povo, e para o melhoramento da sociedade cubana.

Então, o jornalista cubano esbarra na burocracia estatal para conseguir as informações que o público precisa?

A grande polêmica, hoje, do desempenho profissional da comunicação social em Cuba é com o campo do jornalista, mas vem emergindo uma figura importante



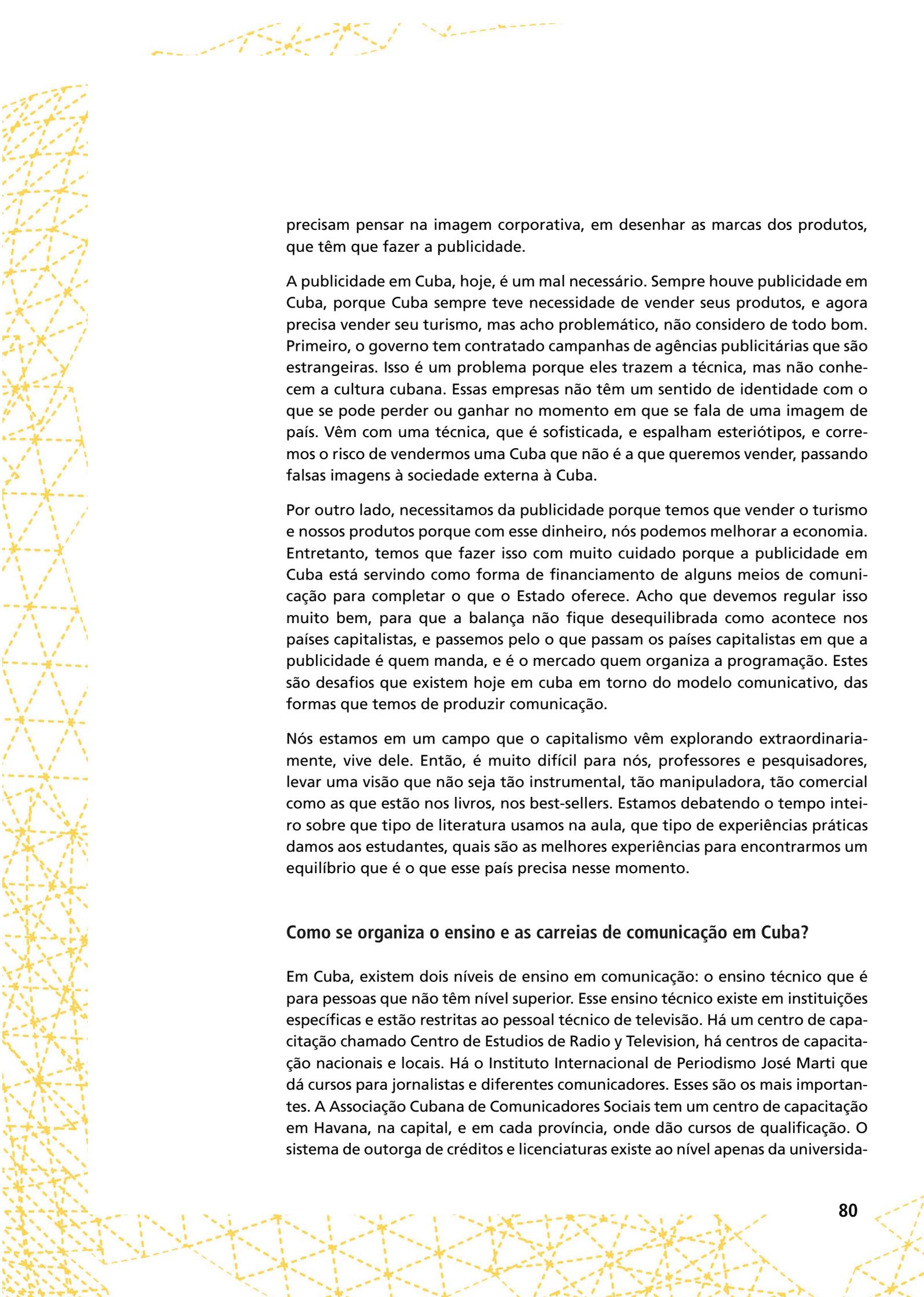
que é o comunicador social, que não é jornalista. Entretanto, esse profissional desempenha um papel na publicidade, nas relações públicas, na comunicação empresarial e institucional. Esse profissional trabalha na administração pública e fecha as portas para o jornalista. Ou seja, ele fecha a porta para os questionamentos do jornalista porque é o diretor de comunicação, de relações públicas de uma empresa pública. Então, esse profissional precisa se aperfeiçoar porque para um país como Cuba, o comunicador social não pode ser a cara bonita da empresa, tem que ser a figura comprometida que seja capaz de ver a instituição integralmente e de estabelecer um diálogo com a sociedade. Além do diálogo com seus clientes, seus trabalhadores internos, sua comunidade.

Então, essa outra disciplina que surgiu no seio do capitalismo, surgiu para justamente manter os trabalhadores informados para que trabalhem melhor, e responderem melhor aos interesses da empresa. Em meu país, é preciso ter um tom diferente, tem que ser uma comunicação comprometida, que efetivamente faça aquela organização, de fins lucrativos ou não, empresa ou não, comprometer-se com a população e dar-lhe uma resposta. Se tem que fazer marketing e publicidade, que seja feito de forma comprometida, mas com qualidade, boa imagem, prestatividade, com respeito à sociedade, ao povo. Digamos que uma empresa tem que produzir um produto que vai ser comercializado. Não há porque fazer uma publicidade que seja sexista, que seja racista, que seja mentirosa, que atribua aos produtos qualidades que eles não têm. É preciso vender-se com muito respeito, pois, o produto que está sendo vendido é o produto Cuba, não o produto mulher, não o produto sexo, não o produto raça, porque senão estamos reproduzindo os mesmos cânones do capitalismo.

Nesse ponto, há muitos perigos porque se nós que estamos formando esses profissionais, e não lhes damos as melhores literaturas, as melhores leituras etc., o que vai ser ensinado é a “comunicação corporativa”, “comunicação para a solução de crise e conflitos”. Não. Temos que nos preocupar com uma comunicação plena, não para que a empresa tenha uma fachada socialmente responsável.

Poderíamos dizer que o modelo de comunicação social cubano é um modelo de responsabilidade social?

Totalmente. É um modelo estatal que tem de ser de responsabilidade social e compromisso com esse povo, que tem que ser mais dialógico, mais participativo, mais inclusivo porque temos, para meu gosto, um modelo muito transmissivo, muito difusivo, e muito educativo, que é o lado bom. Contudo, é preciso ser mais atraente, mais sedutor, sem entrar no jogo dos mecanismos publicitários excessivos de manipulação das pessoas. Precisamos fazer uma comunicação não manipuladora. Esse é o grande perigo para os comunicadores que formamos na universidade de comunicação social, os desenhistas, planejadores gráficos que



precisam pensar na imagem corporativa, em desenhar as marcas dos produtos, que têm que fazer a publicidade.

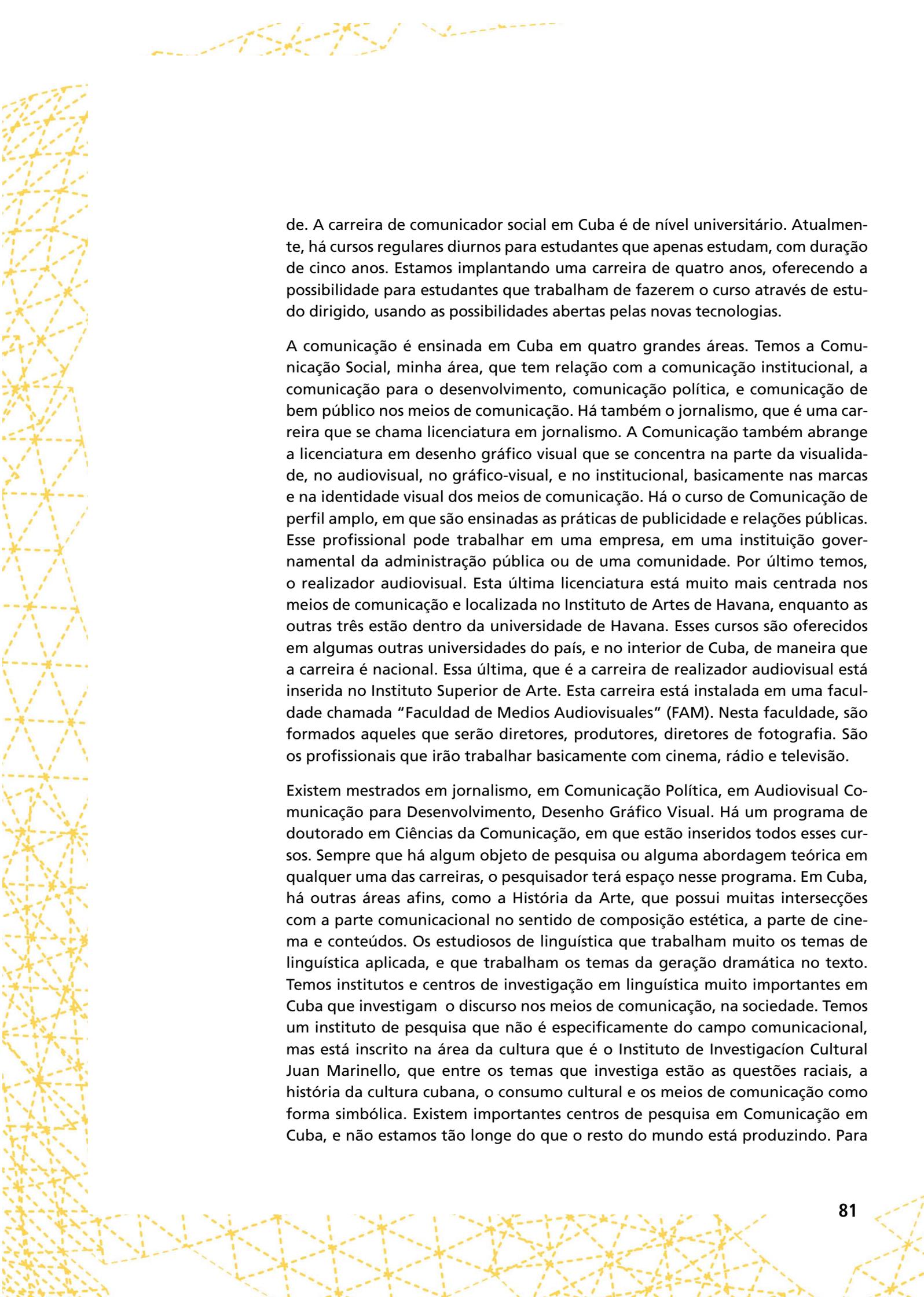
A publicidade em Cuba, hoje, é um mal necessário. Sempre houve publicidade em Cuba, porque Cuba sempre teve necessidade de vender seus produtos, e agora precisa vender seu turismo, mas acho problemático, não considero de todo bom. Primeiro, o governo tem contratado campanhas de agências publicitárias que são estrangeiras. Isso é um problema porque eles trazem a técnica, mas não conhecem a cultura cubana. Essas empresas não têm um sentido de identidade com o que se pode perder ou ganhar no momento em que se fala de uma imagem de país. Vêm com uma técnica, que é sofisticada, e espalham esteriótipos, e corremos o risco de vendermos uma Cuba que não é a que queremos vender, passando falsas imagens à sociedade externa à Cuba.

Por outro lado, necessitamos da publicidade porque temos que vender o turismo e nossos produtos porque com esse dinheiro, nós podemos melhorar a economia. Entretanto, temos que fazer isso com muito cuidado porque a publicidade em Cuba está servindo como forma de financiamento de alguns meios de comunicação para completar o que o Estado oferece. Acho que devemos regular isso muito bem, para que a balança não fique desequilibrada como acontece nos países capitalistas, e passemos pelo o que passam os países capitalistas em que a publicidade é quem manda, e é o mercado quem organiza a programação. Estes são desafios que existem hoje em Cuba em torno do modelo comunicativo, das formas que temos de produzir comunicação.

Nós estamos em um campo que o capitalismo vêm explorando extraordinariamente, vive dele. Então, é muito difícil para nós, professores e pesquisadores, levar uma visão que não seja tão instrumental, tão manipuladora, tão comercial como as que estão nos livros, nos best-sellers. Estamos debatendo o tempo inteiro sobre que tipo de literatura usamos na aula, que tipo de experiências práticas damos aos estudantes, quais são as melhores experiências para encontrarmos um equilíbrio que é o que esse país precisa nesse momento.

Como se organiza o ensino e as carreias de comunicação em Cuba?

Em Cuba, existem dois níveis de ensino em comunicação: o ensino técnico que é para pessoas que não têm nível superior. Esse ensino técnico existe em instituições específicas e estão restritas ao pessoal técnico de televisão. Há um centro de capacitação chamado Centro de Estudios de Radio y Television, há centros de capacitação nacionais e locais. Há o Instituto Internacional de Periodismo José Martí que dá cursos para jornalistas e diferentes comunicadores. Esses são os mais importantes. A Associação Cubana de Comunicadores Sociais tem um centro de capacitação em Havana, na capital, e em cada província, onde dão cursos de qualificação. O sistema de outorga de créditos e licenciaturas existe ao nível apenas da universidade.



de. A carreira de comunicador social em Cuba é de nível universitário. Atualmente, há cursos regulares diurnos para estudantes que apenas estudam, com duração de cinco anos. Estamos implantando uma carreira de quatro anos, oferecendo a possibilidade para estudantes que trabalham de fazerem o curso através de estudo dirigido, usando as possibilidades abertas pelas novas tecnologias.

A comunicação é ensinada em Cuba em quatro grandes áreas. Temos a Comunicação Social, minha área, que tem relação com a comunicação institucional, a comunicação para o desenvolvimento, comunicação política, e comunicação de bem público nos meios de comunicação. Há também o jornalismo, que é uma carreira que se chama licenciatura em jornalismo. A Comunicação também abrange a licenciatura em desenho gráfico visual que se concentra na parte da visualidade, no audiovisual, no gráfico-visual, e no institucional, basicamente nas marcas e na identidade visual dos meios de comunicação. Há o curso de Comunicação de perfil amplo, em que são ensinadas as práticas de publicidade e relações públicas. Esse profissional pode trabalhar em uma empresa, em uma instituição governamental da administração pública ou de uma comunidade. Por último temos, o realizador audiovisual. Esta última licenciatura está muito mais centrada nos meios de comunicação e localizada no Instituto de Artes de Havana, enquanto as outras três estão dentro da universidade de Havana. Esses cursos são oferecidos em algumas outras universidades do país, e no interior de Cuba, de maneira que a carreira é nacional. Essa última, que é a carreira de realizador audiovisual está inserida no Instituto Superior de Arte. Esta carreira está instalada em uma faculdade chamada “Facultad de Medios Audiovisuales” (FAM). Nesta faculdade, são formados aqueles que serão diretores, produtores, diretores de fotografia. São os profissionais que irão trabalhar basicamente com cinema, rádio e televisão.

Existem mestrados em jornalismo, em Comunicação Política, em Audiovisual Comunicação para Desenvolvimento, Desenho Gráfico Visual. Há um programa de doutorado em Ciências da Comunicação, em que estão inseridos todos esses cursos. Sempre que há algum objeto de pesquisa ou alguma abordagem teórica em qualquer uma das carreiras, o pesquisador terá espaço nesse programa. Em Cuba, há outras áreas afins, como a História da Arte, que possui muitas intersecções com a parte comunicacional no sentido de composição estética, a parte de cinema e conteúdos. Os estudiosos de linguística que trabalham muito os temas de linguística aplicada, e que trabalham os temas da geração dramática no texto. Temos institutos e centros de investigação em linguística muito importantes em Cuba que investigam o discurso nos meios de comunicação, na sociedade. Temos um instituto de pesquisa que não é especificamente do campo comunicacional, mas está inscrito na área da cultura que é o Instituto de Investigación Cultural Juan Marinello, que entre os temas que investiga estão as questões raciais, a história da cultura cubana, o consumo cultural e os meios de comunicação como forma simbólica. Existem importantes centros de pesquisa em Comunicação em Cuba, e não estamos tão longe do que o resto do mundo está produzindo. Para



o bem e para o mal. Para o bem porque mantemos um bom nível de atualização. Para o Mal porque, em nosso campo, nem sempre somos críticos conscientes de que o que estamos consumindo não é algo verdadeiramente louvável.

A formação em Cuba tem uma característica típica. Cuba tem um sistema de formação centralizado que é dirigido pelo Ministério de Educação Superior. Entretanto, não se pode abandonar a autonomia das carreiras, senão não teríamos, para o bem ou para o mal, uma lógica que cumprisse as diretrizes que estabelece esse Ministério. Portanto, para cumprir com as exigências da Educação Superior Cubana temos que ter três grandes componentes: a docência, a pesquisa e a extensão. Temos que ter componentes de formação humanística, de Educação Física, formação cultural, de uso de tecnologias, de formação de valores. Essas são lógicas que todas as carreiras cubanas têm que seguir, e nós estamos obrigados a seguir essas indicações metodológicas. Isso nos faz ter também uma espécie de valores no campo da comunicação porque posso te assegurar que não poderíamos falar da pesquisa em comunicação em Cuba, se não fossem essas diretrizes. Todo estudante em Cuba deve realizar uma pesquisa e apresentá-la, ao fim do curso, para obter a titulação, e sem a titulação não se pode exercer a profissão.

Podemos dizer que há em Cuba um campo da comunicação nas áreas profissional, de ensino e pesquisa; consolidado e bem estruturado, pelo menos a partir do começo do Século XXI. Temos um programa de doutorado, uma revista própria, e um Congresso que vai para sua décima edição. Sediamos o Congresso da Ulepicc, e pretendemos sediar um Congresso da Alaic. Estamos começando a conversar com associações de pesquisas em comunicação. Temos que ter em vista que somos um país pequeno, que agora está trabalhando fortemente a comunicação, e está legitimando socialmente uma política nacional no setor que está para sair publicamente, através de uma lei ou um decreto-lei de comunicação. Ou seja, dentro dos processos de mudança pelos quais o país passará, há uma atenção muito grande para os fenômenos info-comunicacionais. Tudo isso em um país muito pequeno, de poucos recursos, que têm que buscar formas de financiamento e de produção científica para manter esse crescimento. Há experiências. Por exemplo, o cinema em momentos de crise conseguiu trabalhar com coproduções, e o país permitiu a abertura da produção cinematográfica, e também algumas produções tipográficas. É preciso pensar em outras fórmulas. Por exemplo, as instituições cubanas que têm que fazer comunicação institucional. Por que não podem tirar uma parte de sua renda para pagar a promoção de suas ações nos meios de comunicação?

Notícias que chegam ao Brasil dão conta de que o acesso à Internet em Cuba é precário. Como é o acesso à Internet em Cuba?

Há uma internet que é completamente estatal em Cuba e gratuita para os centros de pesquisa e centros universitários, onde nós não pagamos pelo acesso à inter-

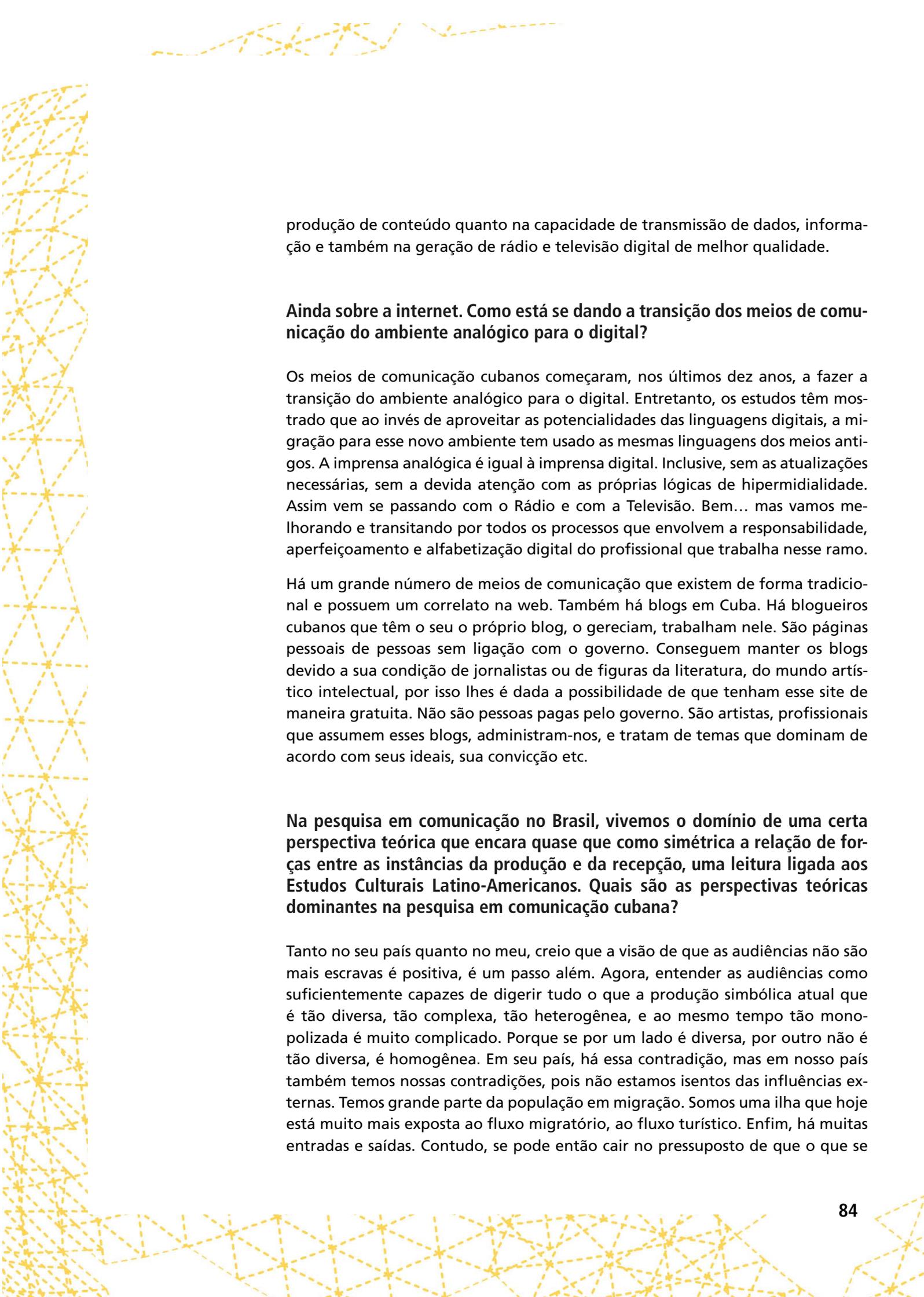


net nem como professores nem como estudantes. Pesquisadores e determinados setores profissionais como médicos, músicos enfim... têm acesso a contas gratuitas. Já nos últimos anos, houve a entrada de um esquema pago caso alguém queira se conectar para um acesso pessoal. Esse acesso é realizado através da Empresa de Telecomunicações ETECSA, que cuida das telecomunicações e gerencia o tráfego. Para acesso doméstico ou privado, a empresa cobra. Se alguém quer participar de chats, comunicar-se, abrir uma conta de e-mail, tem que pagar em dólares um preço que continua sendo alto para o poder aquisitivo cubano, mas se você paga, você tem. Não é como em outras partes do mundo, mas temos que entender como Cuba paga o acesso à Internet que temos nesse momento. [O acesso é feito através de satélite, mais caro, por conta de restrições norte-americanas]

Cuba também possui neste momento, acesso público em zonas Wi-Fi que estão localizadas em centros universitários cubanos. Na universidade onde trabalho, e outras universidades, há pontos Wi-fi onde é possível conectar-se e acessar e-mail, Facebook, Google. Entretanto antes disso, Cuba tinha acesso mais limitado à internet, que foi sendo implantado no país a partir de 1995 através de Intranets grandes e internas. Primeiro, tivemos a intranet da ciência, depois a intranet da saúde e a intranet da educação, da cultura. Essas redes eram coordenadas pelos ministérios correspondentes, e se instalavam pontos para os trabalhadores desses setores. Essa foi a maneira que Cuba encontrou como uma solução para que os professores pudessem chegar a um site com determinadas informações, revistas, publicações etc.

Assim os médicos começaram a ter acesso através da famosa rede Infomed. Temos a Red Uni, a rede universitária; há também a Rede da Ciência, para os cientistas cubanos. E, por fim, a E-net para jornalistas e pessoas que precisavam conectar-se, e têm acesso gratuito ou pagam um preço muito baixo em pesos cubanos. Para garantir outro tipo de internet se estabeleceram desde o fim dos anos 90, pontos que eram denominados clubs. Eram lugares onde se disponibilizavam computadores, e eram oferecidos cursos de computação para que a população aprendesse a usar o computador. Se você quiser pode ir a esses lugares, onde você tem uma determinada quantidade de memória e baixar filmes, séries, documentários, software para aplicações etc. Essas organizações são organizadas municipalmente, assim como a biblioteca pública, museu municipal, casa de cultura.

Nesses espaços, há várias atividades, mas é preciso lembrar que tudo isso é com o recurso do Estado. Não há nenhum ente privado pagando nada, não há uma organização pagando algo. Digamos que alguma empresa ou organização da comunidade que tenha determinados recursos para limpar, pintar alguma instalação pública. Isso é feito como um bem social. Essa estrutura é mantida continuamente, e é gratuita. O acesso é gratuito, não se paga. São serviços públicos para que a população tenha acesso, e desfrute de conhecimento, informação, cultura. A internet em Cuba no momento está migrando para outro patamar tanto na



produção de conteúdo quanto na capacidade de transmissão de dados, informação e também na geração de rádio e televisão digital de melhor qualidade.

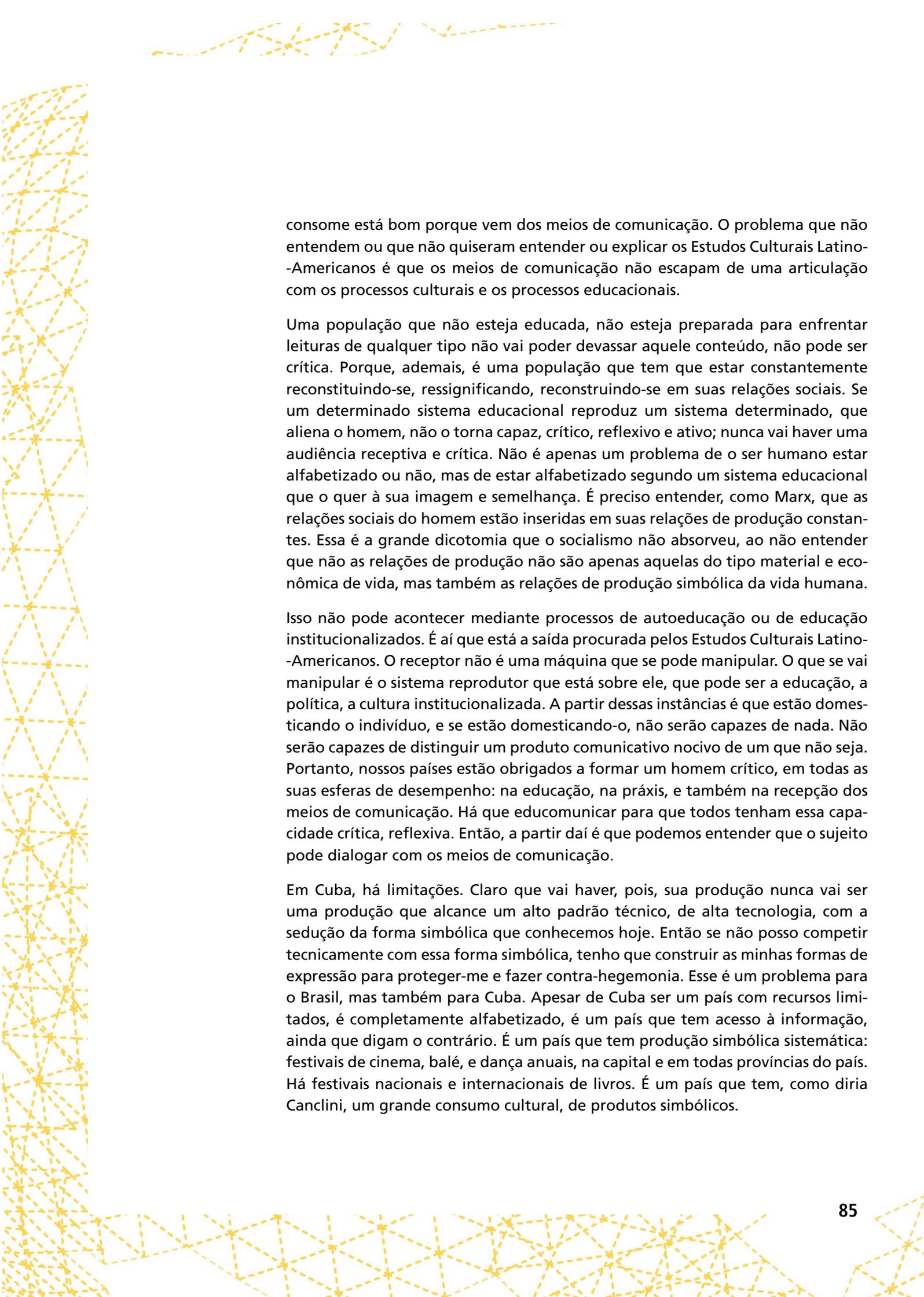
Ainda sobre a internet. Como está se dando a transição dos meios de comunicação do ambiente analógico para o digital?

Os meios de comunicação cubanos começaram, nos últimos dez anos, a fazer a transição do ambiente analógico para o digital. Entretanto, os estudos têm mostrado que ao invés de aproveitar as potencialidades das linguagens digitais, a migração para esse novo ambiente tem usado as mesmas linguagens dos meios antigos. A imprensa analógica é igual à imprensa digital. Inclusive, sem as atualizações necessárias, sem a devida atenção com as próprias lógicas de hipermidialidade. Assim vem se passando com o Rádio e com a Televisão. Bem... mas vamos melhorando e transitando por todos os processos que envolvem a responsabilidade, aperfeiçoamento e alfabetização digital do profissional que trabalha nesse ramo.

Há um grande número de meios de comunicação que existem de forma tradicional e possuem um correlato na web. Também há blogs em Cuba. Há blogueiros cubanos que têm o seu próprio blog, o gerenciam, trabalham nele. São páginas pessoais de pessoas sem ligação com o governo. Conseguem manter os blogs devido a sua condição de jornalistas ou de figuras da literatura, do mundo artístico intelectual, por isso lhes é dada a possibilidade de que tenham esse site de maneira gratuita. Não são pessoas pagas pelo governo. São artistas, profissionais que assumem esses blogs, administram-nos, e tratam de temas que dominam de acordo com seus ideais, sua convicção etc.

Na pesquisa em comunicação no Brasil, vivemos o domínio de uma certa perspectiva teórica que encara quase que como simétrica a relação de forças entre as instâncias da produção e da recepção, uma leitura ligada aos Estudos Culturais Latino-Americanos. Quais são as perspectivas teóricas dominantes na pesquisa em comunicação cubana?

Tanto no seu país quanto no meu, creio que a visão de que as audiências não são mais escravas é positiva, é um passo além. Agora, entender as audiências como suficientemente capazes de digerir tudo o que a produção simbólica atual que é tão diversa, tão complexa, tão heterogênea, e ao mesmo tempo tão monopolizada é muito complicado. Porque se por um lado é diversa, por outro não é tão diversa, é homogênea. Em seu país, há essa contradição, mas em nosso país também temos nossas contradições, pois não estamos isentos das influências externas. Temos grande parte da população em migração. Somos uma ilha que hoje está muito mais exposta ao fluxo migratório, ao fluxo turístico. Enfim, há muitas entradas e saídas. Contudo, se pode então cair no pressuposto de que o que se

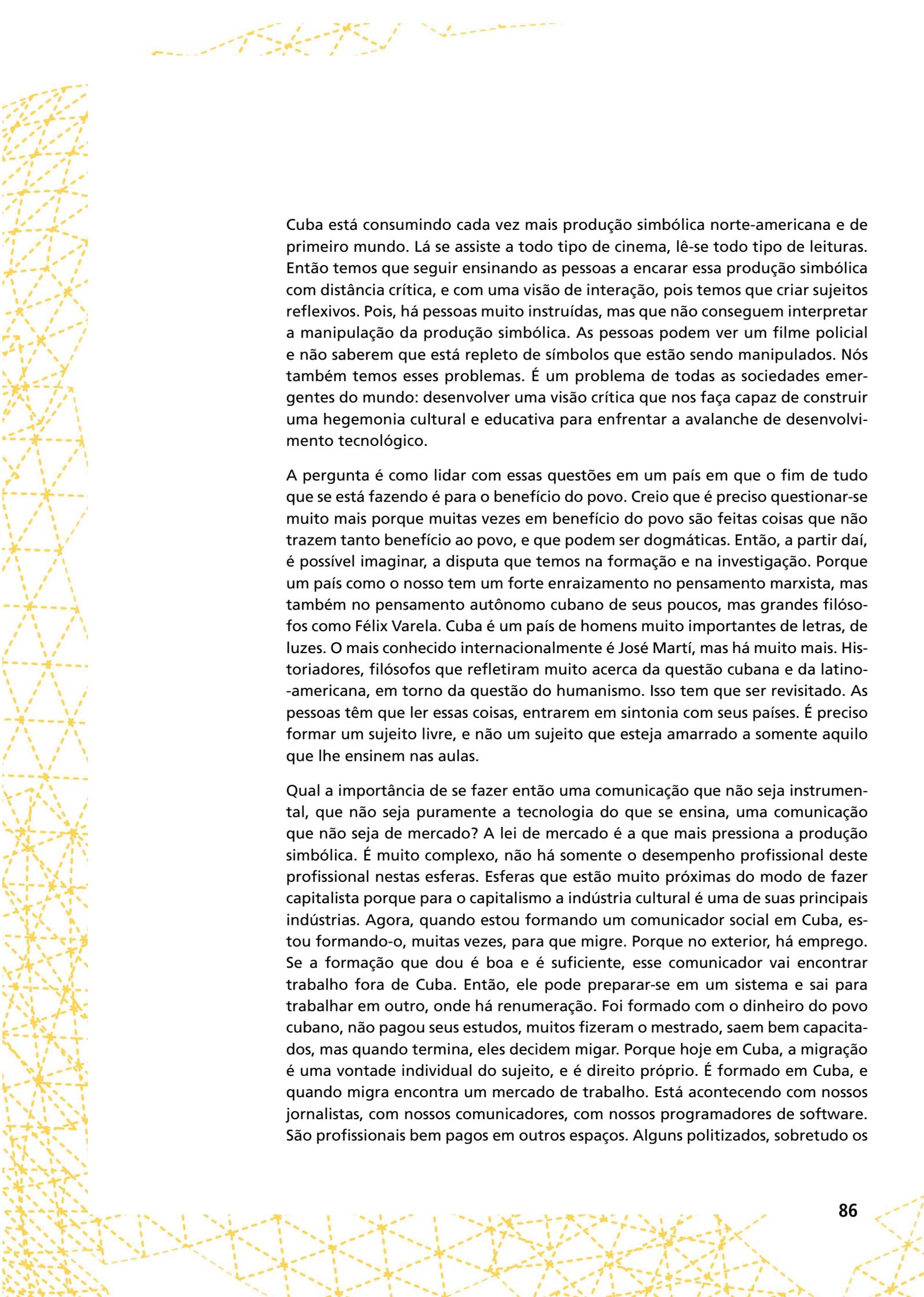


consome está bom porque vem dos meios de comunicação. O problema que não entendem ou que não quiseram entender ou explicar os Estudos Culturais Latino-Americanos é que os meios de comunicação não escapam de uma articulação com os processos culturais e os processos educacionais.

Uma população que não esteja educada, não esteja preparada para enfrentar leituras de qualquer tipo não vai poder devassar aquele conteúdo, não pode ser crítica. Porque, ademais, é uma população que tem que estar constantemente reconstituindo-se, ressignificando, reconstruindo-se em suas relações sociais. Se um determinado sistema educacional reproduz um sistema determinado, que aliena o homem, não o torna capaz, crítico, reflexivo e ativo; nunca vai haver uma audiência receptiva e crítica. Não é apenas um problema de o ser humano estar alfabetizado ou não, mas de estar alfabetizado segundo um sistema educacional que o quer à sua imagem e semelhança. É preciso entender, como Marx, que as relações sociais do homem estão inseridas em suas relações de produção constantes. Essa é a grande dicotomia que o socialismo não absorveu, ao não entender que não as relações de produção não são apenas aquelas do tipo material e econômica de vida, mas também as relações de produção simbólica da vida humana.

Isso não pode acontecer mediante processos de autoeducação ou de educação institucionalizados. É aí que está a saída procurada pelos Estudos Culturais Latino-Americanos. O receptor não é uma máquina que se pode manipular. O que se vai manipular é o sistema reprodutor que está sobre ele, que pode ser a educação, a política, a cultura institucionalizada. A partir dessas instâncias é que estão domesticando o indivíduo, e se estão domesticando-o, não serão capazes de nada. Não serão capazes de distinguir um produto comunicativo nocivo de um que não seja. Portanto, nossos países estão obrigados a formar um homem crítico, em todas as suas esferas de desempenho: na educação, na práxis, e também na recepção dos meios de comunicação. Há que educomunicar para que todos tenham essa capacidade crítica, reflexiva. Então, a partir daí é que podemos entender que o sujeito pode dialogar com os meios de comunicação.

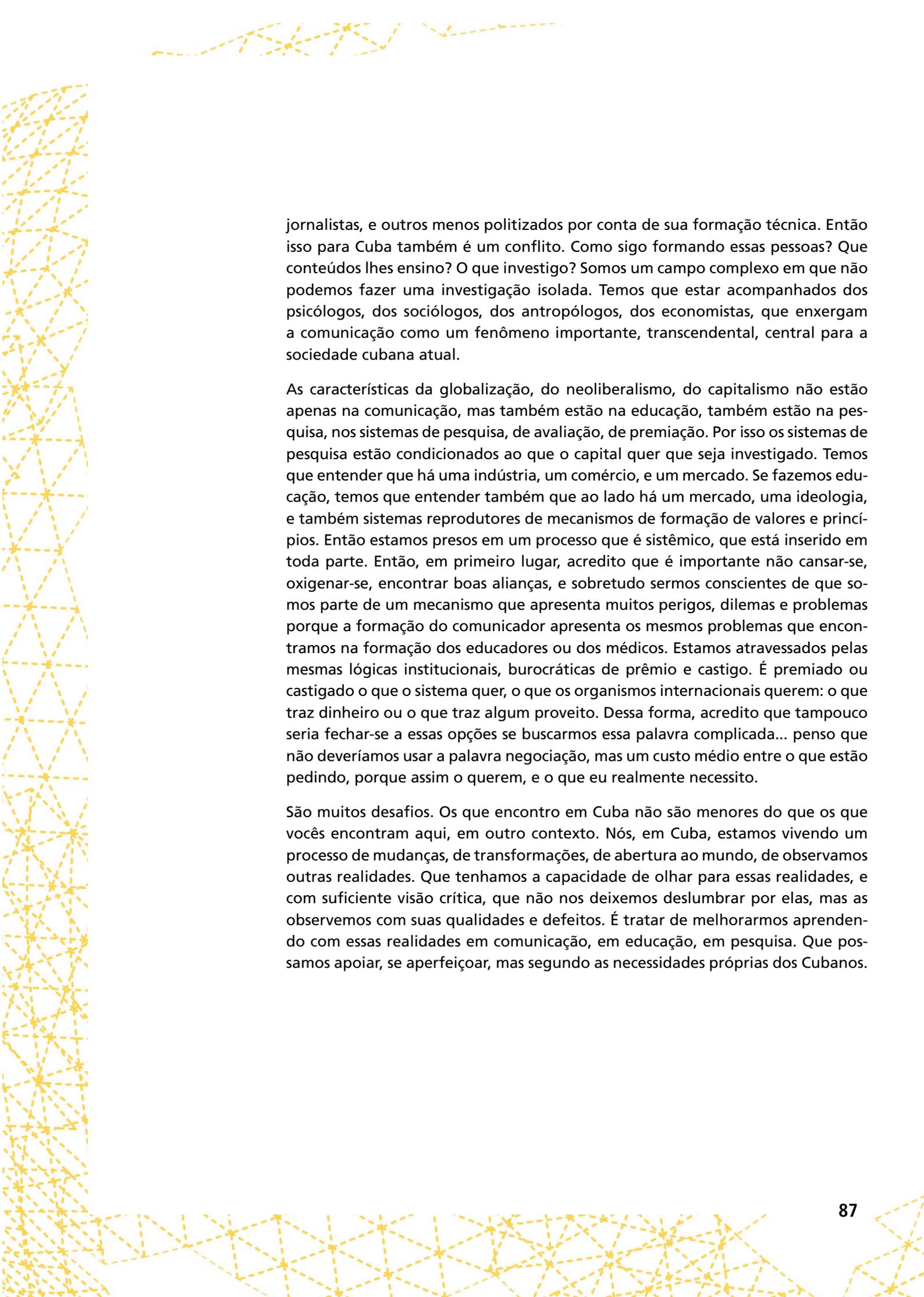
Em Cuba, há limitações. Claro que vai haver, pois, sua produção nunca vai ser uma produção que alcance um alto padrão técnico, de alta tecnologia, com a sedução da forma simbólica que conhecemos hoje. Então se não posso competir tecnicamente com essa forma simbólica, tenho que construir as minhas formas de expressão para proteger-me e fazer contra-hegemonia. Esse é um problema para o Brasil, mas também para Cuba. Apesar de Cuba ser um país com recursos limitados, é completamente alfabetizado, é um país que tem acesso à informação, ainda que digam o contrário. É um país que tem produção simbólica sistemática: festivais de cinema, balé, e dança anuais, na capital e em todas províncias do país. Há festivais nacionais e internacionais de livros. É um país que tem, como diria Canclini, um grande consumo cultural, de produtos simbólicos.



Cuba está consumindo cada vez mais produção simbólica norte-americana e de primeiro mundo. Lá se assiste a todo tipo de cinema, lê-se todo tipo de leituras. Então temos que seguir ensinando as pessoas a encarar essa produção simbólica com distância crítica, e com uma visão de interação, pois temos que criar sujeitos reflexivos. Pois, há pessoas muito instruídas, mas que não conseguem interpretar a manipulação da produção simbólica. As pessoas podem ver um filme policial e não saberem que está repleto de símbolos que estão sendo manipulados. Nós também temos esses problemas. É um problema de todas as sociedades emergentes do mundo: desenvolver uma visão crítica que nos faça capazes de construir uma hegemonia cultural e educativa para enfrentar a avalanche de desenvolvimento tecnológico.

A pergunta é como lidar com essas questões em um país em que o fim de tudo que se está fazendo é para o benefício do povo. Creio que é preciso questionar-se muito mais porque muitas vezes em benefício do povo são feitas coisas que não trazem tanto benefício ao povo, e que podem ser dogmáticas. Então, a partir daí, é possível imaginar, a disputa que temos na formação e na investigação. Porque um país como o nosso tem um forte enraizamento no pensamento marxista, mas também no pensamento autônomo cubano de seus poucos, mas grandes filósofos como Félix Varela. Cuba é um país de homens muito importantes de letras, de luzes. O mais conhecido internacionalmente é José Martí, mas há muito mais. Historiadores, filósofos que refletiram muito acerca da questão cubana e da latino-americana, em torno da questão do humanismo. Isso tem que ser revisitado. As pessoas têm que ler essas coisas, entrarem em sintonia com seus países. É preciso formar um sujeito livre, e não um sujeito que esteja amarrado a somente aquilo que lhe ensinam nas aulas.

Qual a importância de se fazer então uma comunicação que não seja instrumental, que não seja puramente a tecnologia do que se ensina, uma comunicação que não seja de mercado? A lei de mercado é a que mais pressiona a produção simbólica. É muito complexo, não há somente o desempenho profissional deste profissional nestas esferas. Esferas que estão muito próximas do modo de fazer capitalista porque para o capitalismo a indústria cultural é uma de suas principais indústrias. Agora, quando estou formando um comunicador social em Cuba, estou formando-o, muitas vezes, para que migre. Porque no exterior, há emprego. Se a formação que dou é boa e é suficiente, esse comunicador vai encontrar trabalho fora de Cuba. Então, ele pode preparar-se em um sistema e sai para trabalhar em outro, onde há renumeração. Foi formado com o dinheiro do povo cubano, não pagou seus estudos, muitos fizeram o mestrado, saem bem capacitados, mas quando termina, eles decidem migrar. Porque hoje em Cuba, a migração é uma vontade individual do sujeito, e é direito próprio. É formado em Cuba, e quando migra encontra um mercado de trabalho. Está acontecendo com nossos jornalistas, com nossos comunicadores, com nossos programadores de software. São profissionais bem pagos em outros espaços. Alguns politizados, sobretudo os



jornalistas, e outros menos politizados por conta de sua formação técnica. Então isso para Cuba também é um conflito. Como sigo formando essas pessoas? Que conteúdos lhes ensino? O que investigo? Somos um campo complexo em que não podemos fazer uma investigação isolada. Temos que estar acompanhados dos psicólogos, dos sociólogos, dos antropólogos, dos economistas, que enxergam a comunicação como um fenômeno importante, transcendental, central para a sociedade cubana atual.

As características da globalização, do neoliberalismo, do capitalismo não estão apenas na comunicação, mas também estão na educação, também estão na pesquisa, nos sistemas de pesquisa, de avaliação, de premiação. Por isso os sistemas de pesquisa estão condicionados ao que o capital quer que seja investigado. Temos que entender que há uma indústria, um comércio, e um mercado. Se fazemos educação, temos que entender também que ao lado há um mercado, uma ideologia, e também sistemas reprodutores de mecanismos de formação de valores e princípios. Então estamos presos em um processo que é sistêmico, que está inserido em toda parte. Então, em primeiro lugar, acredito que é importante não cansar-se, oxigenar-se, encontrar boas alianças, e sobretudo sermos conscientes de que somos parte de um mecanismo que apresenta muitos perigos, dilemas e problemas porque a formação do comunicador apresenta os mesmos problemas que encontramos na formação dos educadores ou dos médicos. Estamos atravessados pelas mesmas lógicas institucionais, burocráticas de prêmio e castigo. É premiado ou castigado o que o sistema quer, o que os organismos internacionais querem: o que traz dinheiro ou o que traz algum proveito. Dessa forma, acredito que tampouco seria fechar-se a essas opções se buscarmos essa palavra complicada... penso que não deveríamos usar a palavra negociação, mas um custo médio entre o que estão pedindo, porque assim o querem, e o que eu realmente necessito.

São muitos desafios. Os que encontro em Cuba não são menores do que os que vocês encontram aqui, em outro contexto. Nós, em Cuba, estamos vivendo um processo de mudanças, de transformações, de abertura ao mundo, de observamos outras realidades. Que tenhamos a capacidade de olhar para essas realidades, e com suficiente visão crítica, que não nos deixemos deslumbrar por elas, mas as observemos com suas qualidades e defeitos. É tratar de melhorarmos aprendendo com essas realidades em comunicação, em educação, em pesquisa. Que possamos apoiar, se aperfeiçoar, mas segundo as necessidades próprias dos Cubanos.